

**POVOS INDÍGENAS NO BRASIL**

FONTE : Correio Braziliense

CLASS. : 46

DATA : 09 09 91

PG. : 07

## O Projeto Rondon e a Amazônia

**Sérgio Mário Pasquali**

Com o lema "Integrar para não Entregar", a juventude universitária brasileira, durante 22 anos (1967-1989), participou da descoberta da realidade amazônica.

Por intermédio das denominadas "Operação Regional" e "Operação Nacional," que levavam equipes multidisciplinares para os diversos municípios amazônicos, no período de férias de julho e janeiro/fevereiro, milhares de universitários de todo o País se empenharam na execução de programas previamente elaborados, que seriam posteriormente desenvolvidos junto às instituições e populações de cada município amazônico.

Ao término do trabalho, a equipe elaborava um relatório em torno do qual travavam-se grandes discussões sobre a realidade amazônica e a forma de enfrentá-la. O grupo tinha, então, a oportunidade de apresentar conclusões, nas quais a idéia de cada especialista compunha a visão sócio-econômica dos universitários a respeito do município. Discussões acaloradas entravam pela noite e, às vezes, apresentavam uma exaltação própria da juventude, com suas idéias políticas divergentes e, em muitos casos, extremadas. Após um entendimento final, o relatório era feito tendo como base a experiência vivida e analisada sob diversos ângulos profissionais, o que

conduzia a uma tomada de consciência da realidade regional.

Essa realidade era levada para a universidade de origem do grupo e discutida dentro de seus lares em rodas de amigos, difundindo-se, assim, com base no "eu vi e vivi", "eu fiz", "eu senti" etc., a verdadeira face da Amazônia.

Na "Operação Regional", realizada nas férias de meio de ano, os universitários da própria região amazônica, em sua maioria residentes na capital, eram confrontados com os problemas do interior, os quais enfrentavam com um enfoque multidisciplinar e objetivo, numa prática inédita no seu processo de formação acadêmica.

A distinção entre a "Operação Regional" e a "Operação Nacional" estava exatamente na mudança da área de operação. Nesta, os universitários se deslocavam para uma região geográfica diferente da que viviam, deparando-se assim com um Brasil novo. Era a busca da integração, mediante uma troca cultural, realizada num país caracteristicamente multicultural.

O programa de **campi** avançados ia além. Nele a própria universidade, como instituição, estava engajada. A presença dos professores era uma constante e a tônica das atividades ultrapassava a extensão para entrar na pesquisa que se desenvolvia na área de atuação e nos laboratórios da universidade, buscando soluções para a

região, com base em suas potencialidades e características.

A mesma integração que se verificava entre os rondonistas e as comunidades amazônicas era sentida entre os participantes de três grandes instituições presentes na Amazônia: a Universidade, a Igreja e as Forças Armadas. O universitário, o missionário e o soldado se encontravam e se identificavam em suas missões específicas e se apoiavam na ação social com o homem amazônico, que era uma complementação comum às três instituições.

A resultante psicológica dessa atuação universitária, caracterizada pela tomada de consciência da realidade amazônica, somada aos benefícios materiais deixados na área pelo trabalho voluntário de jovens idealistas, justificava de sobra a presença do Projeto Rondon na região.

Hoje, quando a Amazônia é discutida em nível mundial e são feitas propostas internacionais de conteúdo político, seria de suma importância que os centros de inteligência do País, representados por suas universidades, se voltassem novamente para a região amazônica, conscientizando a juventude sobre a realidade dessa área e apontando caminhos e soluções à altura dos interesses nacionais.

■ **Sérgio Mário Pasquali**, ex-secretário-geral do MEC, é coronel da Reserva do Exército